
VIOLÊNCIAS CONTRA PERSONAGENS TRAVESTIS NA LITERATURA BRASILEIRA DO SÉCULO XX

VIOLENCES AGAINST TRANSVESTITE CHARACTERS IN BRAZILIAN LITERATURE OF THE TWENTIETH CENTURY

*Carlos Eduardo Albuquerque Fernandes*¹

Resumo: O presente trabalho discute sobre a representação da violência na construção de personagens centrais travestis na literatura brasileira do século XX. Faremos menção a alguns contos e romances brasileiros do século XX, para discutir a condição de subalternidade e abjeção dessas protagonistas a partir das violências que sofrem. Nos baseamos em pelo menos três vertentes teóricas para a análise em questão: estudos antropológicos sobre a experiência da travestilidade no Brasil, sobretudo em Silva (2007), Benedetti (2007) e Kulick (2008), os estudos culturais e de gênero, a partir de Butler (2010) e Spivak (2010), bem como a partir dos estudos literários de Fernandes (2015) e Silva (2010). O objetivo é chegar a um argumento crítico sobre a recorrente situação de subalternidade das protagonistas travestis na literatura brasileira, corroborando uma possível relação de mimetização ou de realismo nessa faceta da literatura homoerótica com o que se verifica no âmago de sociedades patriarcais e heteronormativas.

Palavras-chave: Personagens travestis; discriminação; literatura brasileira; realismo.

Abstract: This paper argues about the representation of violence in the construction of transvestite central characters in Brazilian literature of the twentieth century. We will mention some Brazilian tales and novels of the twentieth century, to discuss the condition of subordination and abjection of these protagonists from the violence they suffer. We based on at least three theoretical aspects for the analysis in question: anthropological studies on the experience of transvestite in Brazil, especially in Silva (2007), Benedetti (2007) and Kulick (2008), cultural and gender studies from Butler (2010) and Spivak (2010), as well as from the literary studies of Fernandes (2015) and Silva (2010). This study aims at pointing out a critical argument on a recurrent situation of abjection and subalternity in Brazilian literature transvestite characters, which corroborates either a mimetization or a realistic relation in homoerotic literature. In addition, these very likely relations before mentioned are verified in the core of patriarchal and heteronormative society.

Keywords: Transvestite characters; Discrimination; Brazilian literature; Realism.

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba. Graduado em Letras pela mesma instituição. Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco.



Introdução

A temática da violência contra as minorias sexuais deve ser tratada de forma interdisciplinar, dado que é uma problemática social e cultural ampla e relevante. No âmbito dos estudos literários, tornou-se costumeiro encontrar o aspecto de denúncia e de revelação de agruras sofridas contra essas minorias, seja no âmbito da construção das personagens, seja numa reflexão mais ampla do mercado editorial envolvendo autoria, oportunidades, espaço de divulgação e resgate dos textos. Parece ser um consenso que a subalternidade de determinados grupos não-hegemônicos tenha sido configurada nas literaturas, como um modo de registrar as dores, as injustiças e as desigualdades das subjetividades à margem.

Nesse sentido relacionamos a condição sociocultural das travestis com a noção de subalternidade, apontada por Spivak (2010), e de abjeção, apontada por Butler (2010). Segundo Spivak (2010) o sujeito subalterno é aquele pertencente aos grupos dominados e marginalizados que dificilmente tem direito à fala, numa visão pós-colonial e feminista: “Se num contexto de produção colonial, o subalterno carece de história e não pode falar, o subalterno feminino está muito mais numa situação ruim. [...] Ademais, o fato de ser pobre, negra e mulher merece um triplo castigo” (SPIVAK, 2010, p, 76). A reflexão da crítica indiana elucida a ausência de uma história escrita pelos subalternos, indicando uma obscuridade social, econômica e cultural dos povos subalternos devido aos efeitos marginalizadores das colonizações, sendo aí sugerida também uma relação perversa entre níveis de preconceito sobrepostos - de raça, de sexo e social.

O sujeito subalterno sofre pela opressão e impedimento de desfrutar de direitos devido a imposições de um sistema político, cultural vigente que os exclui. Se levarmos em conta que as relações de gênero e de sexualidade criam identidades de gênero e corpos subalternos por não se enquadrarem nas normas binárias de “homem” e “mulher”, “heterossexuais”, “reprodutores”, as travestis encontram-se em posição deveras subalterna, pois sofreram o rechaço cultural ao longo da história.

Spivak (1994) reivindica, inclusive, a recuperação de vozes suprimidas e obliteradas dos subalternos, uma vez que a alteridade deve ser reclamada para que histórias alternativas sejam contadas e os silêncios minimizados no âmbito da cultura. É o que tentamos também evidenciar por meio desta discussão: trazer à tona as personagens travestis de nossa literatura, analisando seus modos de construção ficcional e as relações ideológicas assim instauradas.

Butler (2010; 2013), por sua vez, constrói uma reflexão a respeito da inteligibilidade dos gêneros e da abjeção causada pelo não reconhecimento do gênero ou transgressão do papel tradicional



dele. Segundo a teórica feminista, antes de nascermos, somos identificados como pertencentes a um gênero e essa identificação com caráter de imposição é também o que define nossa legitimidade de ser considerado humano. Tanto é assim que o corpo não tem uma existência significável anterior à marca do seu gênero, como afirma Le Breton (2008, p. 24): “nunca se viu um corpo: o que se vê são homens e mulheres”. Isso é tão forte que apenas nos referimos a alguém por meio da palavra “corpo”, quando esta pessoa já não possui vida, algo muito comum na linguagem jornalística ao se referir a cadáveres encontrados nos casos de notícias e reportagens policiais.

Por essa lógica, quando a genitália de um feto ou recém-nascido não apresenta regularidade binária (pênis ou vagina), como ocorre com os intersexuais, é preciso intervir para que o corpo corresponda a um gênero inteligível. Assim, tal correspondência obedece ao esquema vagina-mulher-feminino *versus* pênis-homem-masculino que toma a heterossexualidade como eixo norteador a fornecer certo grau de coerência final à naturalização e binarismo do gênero. O caso de Herculine Barbin, divulgado por Foucault (1982), também é tomado como exemplo por Butler (2010), sobre as consequências de se adotar ou ser um gênero não inteligível.

E, assim, verificamos claramente a construção de uma “ideologia de gênero”, também evocada por Lauretis (1994), que seria uma imposição, uma regulamentação para a formação de corpos normais ou, no dizer de Butler (2013), corpos que importam. E é nesse ponto que a autora investiu em discussões que possibilitem pensar “os corpos que não importam” para a lógica patriarcal, os corpos excluídos, corpos indóceis ou, como ela nomeia, “os corpos abjetos”:

Esta matriz excludente pela qual os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do status de sujeito [...] (BUTLER, 2013, p. 155)

Dessa maneira, os sujeitos que compõem o rol das dissidências sexuais, como gays, lésbicas, travestis, transexuais, drag queens, drag kings, bissexuais e muitas outras formas de dizer e ser diferentes no campo do gênero e da sexualidade têm seus corpos considerados como abjetos, evidentemente com graus e níveis de abjeção diferenciados, segundo a cultura e as relações socioeconômicas que cada subjetividade enfrenta, bem como as subversões que cada uma evoca.

Butler (2013) os percebe como seres abjetos, tendo em vista que eles não reproduzem a inteligibilidade da norma heterossexual e binária. Assim, marcados pela abjeção, tanto atraem como hor-

rorizam muitos dos que os cercam, trazendo à tona rejeições: “se certas vidas não se qualificam como vidas, ou, desde o princípio não são concebidas como vida, dentro de certos marcos epistemológicos, então, tais vidas nunca se considerarão vividas ou perdidas no sentido pleno de ambas as palavras.” (BUTLER, 2013, p. 63).

Vale ressaltar que as visões desconstrucionistas dos binarismos e essencialismos, formuladas por Butler (2010;2013), tornaram-se motores para as pesquisas nos estudos de gênero e de sexualidades. As etnografias que se propuseram a estudar as travestis no Brasil, e as quais recorreremos como base teórica, sempre tomam como ponto de encontro essas mesmas críticas em torno do corpo, do gênero, do sexo e da abjeção. Nosso estudo, nesse mesmo panorama, procura observar como esse sistema excludente chega ao espaço literário, por meio da configuração das personagens. Não que as ideias de Judith Butler estejam dissociadas disso, pelo contrário, como aponta Salih (2012, p. 208) “as críticas de Butler (2010) sobre a natureza excludente das categorias de identidade são úteis na análise da construção dos estudos literários feministas”.

Dessa maneira, parece ser bastante produtiva a análise da relação estabelecida entre a experiência da travestilidade como subalterna e abjeta na cultura brasileira. Embora em pequena proporção, as travestis encontram um “lugar” na produção literária brasileira (FERNANDES & SCHNEIDER, 2017) – como personagens de romances, novelas e contos – motivando discussões, como a que ora propomos, que buscam investigar quais os fatores determinantes na maneira como as personagens travestis foram configuradas, como as ideologias machistas se perpetuam na cristalização de preconceitos incrustados na criação dessas personagens e também quais as saídas e subversões que essas promovem na barreira discursiva que insiste em tornar o tema tabu e nefando.

A literatura homoerótica² no Brasil, segundo Silva (2010) e Fernandes (2015), tem mantido uma relação de proximidade estilística com o Realismo do século XIX e com a Geração de 30 do século XX, quando o Regionalismo, apoderando-se de uma vertente Neo-realista, problematizou os conflitos do povo nordestino principalmente. É preciso contextualizar que a definição de literatura homoerótica que adotamos aqui é a de textos literários que centralizam a temática da diversidade sexual, na mais variadas facetas, incluindo a manifestação das travestilidades como subjetividade associada ao rol das múltiplas experiências de modos de vida homoeróticos.

Talvez por essa perspectiva (neo)realista, as narrativas brasileiras que possuem protagonistas travestis têm representado muitos dos conflitos vividos por esses sujeitos na “vida real”, como a violência e a discriminação, os espancamentos por parte de terceiros que não aceitam as transformações

2 Apesar de polêmica, estamos empregando essa expressão e outras – literatura *gay*, *lésbica*, *homoerótica*, *homoafetiva* – como forma de agrupar textos literários que centralizam as relações íntimas, afetivas ou o desejo entre pessoas do mesmo sexo. Sobre caracterização da *literatura homoerótica*, ver a discussão promovida por Silva (2010) e Barcellos (2006).



de seus corpos.

A proposta desse artigo³ objetiva analisar a condição de subalternidade e de abjeção de sujeitos ficcionais travestis na literatura brasileira do século XX, a partir de um recorte de narrativas em que tais personagens aparecem e refletir sobre ou, nos termos de Spivak (2010), “medir os silêncios”, evidenciar a “obscuridade” a que essas personagens estão submetidas. Fazemos menção a contos e romances brasileiros do século XX, para discutir a violência sofrida por essas protagonistas,.

Personagens Travestis e Violências

Um dos aspectos mais comuns às personagens travestis de nossa literatura é a aproximação dessas com a violência. Sem exceção, todas as personagens catalogadas por Fernandes & Schneider (2017) sofrem agressão seja física ou verbal e, costumeiramente, morrem pelas mãos de seus agressores ou ainda por suicídio atrelado a tais tensões. Em sociedade a experiência de vida das travestis tem a violência como relação constante, como assegura Kulick (2008):

A violência é o eterno pano de fundo de suas vidas. Apesar de viverem habitualmente em trajes femininos, usarem cortes de cabelos, maquiagem, acessórios femininos, a maioria das travestis não passa por mulher, é evidente, sobretudo, quando se apresentam a luz do dia [...] Elas sabem que, a qualquer momento, podem tornar-se alvo de agressão verbal e/ou violência física por parte daqueles que se sentem ofendidos pela simples presença de travestis [...] (KULICK, 2008, p. 47).

A afirmação de Kulick (2008) enfatiza a recepção negativa que muitas pessoas possuem das travestis, como se apenas sua presença incomodasse. É também histórica, no Brasil, a violência praticada por policiais contra travestis: torturas, prisões coletivas, espancamentos até a morte e tiros à queima roupa são apenas algumas das estratégias de repressão contra as travestis em grandes centros urbanos. Assim como a prostituição, a violência é tão marcadamente associada às travestis que a literatura brasileira também incorporou ao seu imaginário, na construção das personagens travestis, desfechos trágicos e situações de violência, como veremos mais à frente. As personagens travestis da literatura brasileira refletem esses dados sociais, talvez mais pela evidente recorrência do elo entre elas e a prostituição em nossa sociedade, do que por uma relação de poder transposta do mundo externo para o literário. Daí acreditarmos na investida (neo)realista da literatura homoerótica. Talvez

³ Este artigo é um recorte e aprofundamento da tese de doutorado *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século xx: 1960-1980*, de Fernandes (2016).



por essa perspectiva, as narrativas brasileiras que possuem protagonistas travestis têm representado os conflitos vividos por esses sujeitos na “vida real”, como a violência e a discriminação, os espancamentos por parte de terceiros que não aceitam as transformações de seus corpos. E essa representação, a nosso ver, não incide, de uma maneira geral, numa postura negativa e mantenedora de estereótipos, mas numa postura típica do realismo literário, que plasma e problematiza a realidade, nos fazendo refletir sobre ela.

Nesse âmbito, podemos citar, como um dos principais exemplos, o romance *O travesti*, de 1980, de Adelaide Carraro. Nele, encontramos a estória de Rubens Moraes Barros que se transforma na travesti Jaqueline e penetra no mundo da prostituição de rua. Um dos aspectos mais marcantes da narrativa de Carraro (s.d) é a violência sofrida contra travestis, por parte de policiais e civis opressores, quase sempre resultando em mortes.

As agressões são resultantes do profundo preconceito enraizado e das ações do estado, especialmente no período da ditadura civil e militar ocorrida no Brasil, entre 1964 e 1985, para exterminar as travestis, como prisões furtivas sob a desculpa e vadiagem e comportamento imoral. Logo no início do romance, Jaqueline é presa e estuprada por um colega de cela. O motivo da prisão, segundo o policial esclarece, é o que segue: “[...] Lembre-se que você foi detida por vadiagem e em flagrante!” (CARRARO, s.d, p. 20). Essas passagens da obra recordam os relatos de Trevisan (2000), Green (2000) e do Relatório da Comissão Nacional da Verdade (2014) sobre as táticas de regulação dos corpos travestis que se prostituíam nas ruas paulistas, acusando-os por vadiagem e atentado ao pudor.

A morte das personagens travestis no romance também está associada à AIDS e à devastação de vidas que tal doença causou direta e indiretamente: direta devido ao contágio e complicações da doença e indireta porque ao associar a figura dos sujeitos homoeróticos à AIDS, formaram-se grupos de extermínio de gays e travestis, conforme expõe Trevisan (2000). Ao todo, oito personagens travestis morrem ao longo do romance, por várias causas. Para sintetizar os dados sobre esse tema, apresentamos o seguinte quadro:

QUADRO 1 - Personagens travestis e mortes em *O travesti*, de Adelaide Carraro (s.d)

Personagens mortas	Contexto	Citação
Simone, Mara e Patrícia	Assassinato – armas de fogo – por civis	“[...] eles apontaram quatro revólveres e atiraram gritando: - Abaixo os homossexuais, abaixo os travestis e a Aids! [...] Simone tinha levado quatro tiros na barriga. Mara, um tiro na garganta, e Patrícia, um na cabeça e três no peito. Estava morta com os belos cabelos empapados de sangue.” (p. 25).
Rafaela	Agressão por civis	“Vi quando ela enfiou a cabeça para dentro do carro e o homem abraçou seu pescoço e gritou: - Corra! O carro saiu em toda velocidade arrastando as pernas da Rafaela pelos paralelepípedos [...]” (p.28)
Carla	AIDS	“- O que houve com a carla? - Morreu, a Aids a engoliu.” (p. 40)
Gringa	Enforcamento por civis	“[...] vi dois homens encapuçados arrastarem a Gringa para a igreja abandonada [...] E o sino batia. Batia sem parar. [...] levando amarrado pelo pescoço em suas cordas o cadáver [...]” (p.68-69)
Xuxa	Espancamento por civis	“Xuxa com dezoito anos estava morta, a socos. Ela estava nua e no meio das pernas escancaradas, aquele buraco [...] vi em sua mão direita [...] um pedaço de qualquer coisa. Peguei naquele pedaço de carne e vi que era o pinto da Xuxa.” (p. 86)
Marion	Espancamento por policiais	“[...] cercada por um monte de policiais; foi violentamente espancada a ponta-pés e chutada por todos os lados. [...] No fim, dois policiais jogaram Marion dentro do carro, já inconsciente.” (p. 104)

Fonte: Fernandes & Schneider (2017, p. 129)

O vasto panorama de personagens mortas no romance, bem como a variação da causa de morte delas, demonstra uma clara intenção de registro na ficção do que acontecia na realidade e de sensibilização do leitor para com o sofrimento da minoria travesti. Embora citemos o romance de Carraro (1980) como exemplo principal, não podemos deixar de mencionar outras protagonistas que seguem por caminhos trágicos, como se essa fosse a condição minimamente natural e esperada para todas elas: Ana Maria, de *Uma mulher diferente* (2005) é assassinada de um só golpe na agressão; Monique, de *O fantasma travesti* (1988) é estuprada e agredida até a morte na cadeia; e Joselin, de “O Milagre” é atropelada por um caminhão.

A morte também acomete as personagens Lina, do conto “Amor grego” (1975), de Aguinaldo Silva, assassinada em um incêndio, e *Georgette* (1956), que comete suicídio se jogando em frente ao trem após fugir de casa e ser ameaçada por seu amante. Vale considerar aqui que Spivak (2010), ao comentar sobre o papel do suicídio no que se refere aos sujeitos subalternos indianos, afirma que



culturalmente, apesar de ser repreensível, em determinados contextos, o “sujeito compreende a insubstancialidade [...] de sua identidade” (p. 99) e comete suicídio como forma de admissão da própria subalternidade e por reconhecer que não há mais sentido no espaço sociocultural em que está inserido, uma forma evidente de internalização da abjeção, no dizer de Butler (2010).

Mesmo quando não foram mortas pelas suas mãos ou de terceiros, muitas personagens travestis de obras brasileiras do século XX sofrem violências físicas e psicológicas. Um caso específico dessa representação se dá com a primeira protagonista travesti em narrativa brasileira, que é o conto “A grande atração”, de Raimundo Magalhães Jr., publicado em 1936. Magalhães Jr. problematiza os conflitos do protagonista Luigi Bianchi, que, apesar do nome masculino, tem outras identificações: “Tudo nêle era feminino. A voz, os gestos [...]” (MAGALHÃES JR., 1967, p. 206), inclusive a forma de se vestir. Ao desnudar o passado da protagonista, explica-se que ela estudara em Milão e sonhava em ocupar a posição de soprano em alguma famosa companhia de ópera:

Mas nas óperas quase só havia papéis de tenor, de barítono e de baixo. Só no “Orfeu”, de Gluck, havia um bom papel masculino, mas para contralto, sempre representado por mulheres. [Bianchi] Quis interpretá-lo. Não lhe deram o papel. E o professor declarou:

– Isso seria uma confissão vergonhosa para você... Mude de vida...

Pode ser que um dia venha ser tenor...

Bianchi, porém, preferiu o travesti. Andou primeiro na *varieté*. Depois no circo.

(MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 207-208).

A ideia de fracasso se torna evidente pelo sonho frustrado de Bianchi, causado pela ordem rígida dos papéis de gênero em uma sociedade patriarcal. A organização de uma ópera, assim como a sociedade, também impõe limites baseados na identidade sexual dos indivíduos de acordo com suas vozes. Destarte, contralto e soprano são vozes femininas e, portanto, exclusivamente mulheres deviam executar esses papéis, por suas vozes suaves, agudas, como era a de Bianchi. Este, por ser homem, tinha como opções cantar como baixo, barítono ou tenor. Contudo, o protagonista não se “enquadra” em nenhum dos “moldes pré-estabelecidos” dos papéis musicais para as vozes de homens e mulheres: era homem, mas sua voz e seu agir eram femininos e, por isso, o rejeitaram, por ser um sujeito estranho e, portanto, destinado à exclusão naquele contexto de rígidas normas quanto às posições de sujeitos e de suas identidades de gênero, interferindo na identidade profissional. Passada a violência psicológica da rejeição por não ser aceita, passa a integrar a equipe de um circo decadente, onde conhece e se relaciona com o levantador de peso Ramón Betanzo; além de cantar, Luigi também adestrava cães que se apresentavam no circo:

Era êle quem dirigia o trabalho dos cachorros, saltando obstáculos, dançando valsas lentas, vestidos como se fôssem gente. – Salta, Marieta... Salta! A Cadelinha ladrava e obedecia. Os outros também. Eram Abelardo, Heloisa, Paulo, Virginia e Francesca. Sugestão de leituras românticas. Bianchi amava-os a todos, como colaboradores, como companheiros de trabalho, como modestos artistas que o ajudavam a ganhar vida. Ganhar a vida e a ter, junto de si, o orgulhoso Ramón Betanzo, o Betanzo dos músculos de aço, de tórax de gigante, o Ramón do seu amor decadente e desgraçado, o Betanzo das bofetadas e dos pedidos inesperados de dinheiro... (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 208).

O circo, os cães e Betanzo constituíam, nesse contexto, o lar e a família da personagem, mas o maior orgulho era ter ao seu lado o atleta. Devemos, a partir desse fragmento, retomar a problemática relação entre os dois, concebida pelo narrador como decadente, porque imoral e desgraçada, porque infeliz e mal sucedida. Enquanto Bianchi se desfazia em carinhos e atenções pelo outro, este buscava apenas aproveitar, o máximo que pudesse, as economias do seu mantenedor: “Ramón Betanzo, intimamente, tinha nojo daquilo” (MAGALHÃES JR, 1967, p. 206), porém os favores mantinham-no próximo do soprano. É necessário também precisar a maneira de agir do musculoso homem:

O jôgo era a perdição do atleta. Andava por tudo quanto era bodega, farejando joguinhos de pôquer, de bisca, de solo [...] E saía liso, dizendo desaforos, rogando pragas, ameaçando os outros, que se apressavam a roçar o cabo das facas e das pistolas. Era então que êle voltava para Bianchi. [Bianchi] – Queridito, que te passa? [Betanzo] – Que passa vagabundo? Então não sabes? Te fazes de engraçado? Perdi tudo o que tinha, seu descarado! (MAGALHÃES JÚNIOR, 1967, p. 208).

Humilhações e agressões físicas eram as atitudes de Betanzo endereçadas a Bianchi. Sem dinheiro para fazer apostas, a tenda do soprano era morada acolhedora para o atleta. As falas, presentes nesse trecho, são as únicas, em toda narrativa, em que os personagens dialogam diretamente, haja vista o discurso indireto predominar na estruturação do texto, a restringir a atuação dos personagens, em detrimento da manipulação exagerada dos fatos pelo “eu” narrante. Através das falas, vemos, mais uma vez, a estereotipia da dicotomia bicha/machão, o que pode ser notado pelos adjetivos presentes nas frases ditas por cada um dos personagens: na fala do soprano, a palavra ‘queridito’, adjetivo carinhoso, demonstrando a preocupação e atenção para com o amado; por outro lado, na fala do atleta, ‘vagabundo’ e ‘descarado’ compõem o vocabulário de um discurso agressivo e repressor, o sinal de exclamação ao final do enunciado denuncia a força da pronúncia expressivamente de raiva, de intolerância e aversão. Dessa forma, a afirmação de Kulick (2008) de que a violência é o pano de fundo



da vida das travestis em uma sociedade excludente e, na literatura, podemos enxergar esse pano de fundo de maneira muito evidente no enredo das narrativas. Preparamos outro quadro, resumindo as situações de violências sofridas em diferentes obras publicadas durante o século XX:

QUADRO 2 - Síntese de narrativas brasileiras com protagonistas travestis que sofreram violências

Título da obra	Autor	Ano	Gênero	Resumo da situação de violência sofrida
A grande atração	Raimundo Magalhães Jr	1936	Conto	Sofre violência física de seu parceiro e violência da sociedade em geral por não se enquadrar nos papéis tradicionais de gênero.
Georgette	Cassandra Rios	1956	Romance	Sofre violência psicológica, resultando no suicídio da protagonista.
Uma mulher diferente	Cassandra Rios	1965	Romance	Sofre violência física de seus parceiros, além de ser assassinada.
Taís	Walmir Ayala	1966	Conto	Sofre
Dia dos Namorados	Rubem Fonseca	1975	Conto	Agredida por parte de policiais.
Amor Grego	Aguinaldo Silva	1975	Conto	É assassinada em incêndio provocado.
Ruiva	Julio César Moreira Martins	1978	Conto	Sofre violência verbal por parte de transeuntes e por parte de outra travesti que a hostiliza.
O Milagre	Roberto Freire	1978	Novela	Agredida física e psicologicamente pelo pai e capangas dele.
Noites de Rosali	Darcy penteado	1979	Contos	Agredida física e psicologicamente por colegas de trabalho
O Travesti	Adelaide Carraro	s.d	Romance	Ver quadro 1
O fantasma travesti	Silvia Orthof	1988	Romance	Sofre violência por parte de militares até chegar a óbito.

Esse quadro revela o quão recorrente foi a representação da violência em narrativas com protagonistas travestis publicadas durante o século XX. Por um lado, podemos enxergar esses dados como um modo de sensibilizar o/a leitor(a) para um problema social enfrentado por essa minoria. Segundo o *Relatório de violência homofóbica no Brasil* (2016), documento produzido pelo Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, temos o maior número de assassinatos de pessoas transgênero do mundo, mais de 600 mortes entre 2008 e 2014. Essa dura realidade se faz presente também na literatura, com desfechos trágicos e enredos dolorosos para essas personagens e seus destinos.



Considerações Finais

Diante dessas considerações a respeito da construção de protagonistas travestis em narrativas brasileiras, acreditamos existir uma força de denúncia nessas construções literárias. É preciso considerar que escrever e publicar obras tidas como marginais ou imorais e subversivas sempre foi uma atividade difícil. Se pensarmos nos textos com protagonistas travestis veremos a resistência empregada pelos escritores e escritoras, a exemplo de Cassandra Rios e Roberto Freire que tiveram suas obras censuradas, sofreram perseguições e até torturas. Nos parece, afinal, que criar personagens travestis é como esforço para retratar o proibido, especialmente no período da ditadura militar, produzir subversão no discurso, evocar a liberdade contra a normatização, apontando para um Realismo literário sensível e problematizador das formas como lidamos com essa diferença.

É preciso considerar que escrever e publicar obras tidas como marginais ou imorais e subversivas sempre foi uma atividade difícil. Se lembrarmos que quando *Bom-Crioulo* – segundo romance brasileiro a abordar o amor e sexo entre dois homens em 1895 –, de Adolfo Caminha, foi apresentado à sociedade, causou escândalo e, mesmo sendo permeado pelo pensamento decadentista do naturalismo, apresentando a relação homoerótica como doentia, segundo Carvalho (2006), impactou os críticos, o que atrapalhou a recepção do livro. A obra de Caminha só voltou a ser estudada em 1950 quando estudiosos brasileiros resgataram as obras do autor.

A questão da morte e dos desfechos trágicos envolvendo sujeitos ficcionais travestis não deve ser vista apenas como um aspecto negativo dessa construção, evidenciando um tom de punição ou mesmo, positivo, sendo enxergado pelo viés da denúncia e da sensibilização.

Nesse plano, queremos evocar Prado (2007) quando afirma que, ao se analisar uma personagem, é preciso levar em consideração vários ângulos de observação sobre ela: (a) o que a personagem revela sobre si; (b) as ações dela; e (c) o que os outros sujeitos ficcionais dizem sobre ela, fazem com ela. Essa tensão entre as *vozes do texto* parece ser particular em cada obra, exigindo atenção aos elementos narrativos e às falas das personagens e dos narradores. Por exemplo, quando uma personagem travesti é assassinada, como acontece com Ana Maria (RIOS, 2005) e com Monique (ORTHOFF, 1988), tal experiência demonstra que personagens secundárias configuram uma parcela da sociedade discriminatória e intolerante quanto a não-inteligibilidade de gênero desses seres de papel. Na esfera ficcional, essas vozes repressoras tentam ofuscar a subversão construída pela personagem travesti; no entanto, o fato de as matarem não exclui a *convencionalização* do que elas revelam por si mesmas. Se isolarmos a postura dessas protagonistas, veremos quão transgressoras e inovadoras elas podem ser quanto às questões de corpo, de gênero e de sexualidade, especialmente se levarmos em conta o período em que foram construídas.



Referências Bibliográficas

- BARCELLOS, J. C. *Literatura e homoerotismo em questão*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2006.
- BENEDETTI, Marcos R. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. Rio de Janeiro, Garamond, 2005.
- BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: textos temáticos / Comissão Nacional da Verdade. – Brasília: CNV, 2014.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renato Aguiar. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- _____. *Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo*. In.: LOURO, Guacira Lopes (Org). *O corpo educado – pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- CANDIDO, Antonio [et. Al.]. *A Personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CARRARO, Adelaide. *O travesti*. São Paulo: Loren, s.d.
- CARVALHO, Gilmar de. *Literatura e homoerotismo: alteridade de paixão*. In: VALE, Alexandre Fleming Câmara.; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva (orgs.). *Estilísticas da sexualidade*. Campinas: Pontes, 2006, p. 229-239.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. *O desejo homoerótico no conto brasileiro do século XX*. São Paulo: Scortecci, 2015.
- _____. *Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século xx: 1960-1980*. Tese (Doutorado) – UFPB-CCHLA, João Pessoa, 2016.
- FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque. SCHNEIDER, Liane. *Personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: uma leitura sobre corpo e resistência*. João Pessoa: EDUFPB, 2017.
- FONSECA, Rubem. *Dia dos namorados*. [1975] In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2007, p. 125-136.
- FOUCAULT, M. (Org.) *Herculine Barbin - O diário de um hermafrodita*. Trad. De Irley Franco. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982
- FREIRE, Roberto. *O Milagre*. In.: _____. *Travesti*. São Paulo: Símbolo, 1978
- GREEN, James. *Além do carnaval – homossexualidade masculina no Brasil do século XX*. São Paulo: Editora da



UNESP, 2000.

KULICK, Don. *Travesti – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Trad. Cesar Gordon. Rio de Janeiro: Fio Cruz, 2008.

LAURETIS, Tereza de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. A Grande Atração. In.: DAMATA, Gasparino (Org.). *Histórias do amor maldito*. Rio de Janeiro: Record, 1967, p. 202-211.

MARTINS, Julio César Monteiro. Ruiva [1978]. In.: RUFFATO, Luiz. (Org.) *Entre nós*. Rio de Janeiro: Língua geral, 2007, p. 241-256.

ORTHOFF, Sylvia. *O fantasma Travesti*. São Paulo: Espaço e tempo, 1988.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e Desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo: FAPESP, 2009. PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura*. Rio de Janeiro: Linceu, 1969.

PRADO, Décio de Almeida. A personagem no teatro. In.: CANDIDO, Antonio [et. al.]. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2007, p. 81-101

RIOS, Cassandra. *Uma mulher diferente*. [1965]. São Paulo: Basiliense, 2005.

_____. *Georgette*. São Paulo: Record, 1956.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In.: _____. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 46-60.

SALIH, Sara. *Judith Butler e a teoria Queer*.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Quem reivindica a alteridade? In.: HOLLANDA, Heloisa Buarque. (Org.) - *Tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 187-205.

_____. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010

SILVA, Helio R. S. *Travestis – entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, A.P.D. Incursões teóricas sobre o conceito de literatura gay. In.: *SocioPoética – Vol. 1, Nº 7*, 2010.



TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2007.

